

Alemanha não acredita em cartel

Bonn — A nota dos quatro Presidentes latino-americanos causou razoável impacto na Europa, mas pelo menos o Governo alemão não acredita que a declaração comum divulgada pelo Brasil, Argentina, Colômbia e México leve à formação de um cartel dos devedores.

Enquanto a imprensa na França e na Inglaterra davam forte destaque à nota, banqueiros em Paris e nas praças alemãs reagem dizendo que a culpa pela situação pertence ao Governo norte-americano, e não à comunidade financeira internacional. Tanto políticos na França como na Alemanha prometem conversar com o Presidente Ronald Reagan, durante a reunião de cúpula dos países industrializados ocidentais, em Londres (junho), para melhorar as condições impostas aos países endividados.

Descrédito

“O problema é que ninguém sabe o que os americanos vão fazer”, comentava ontem um importante diplomata alemão. “Os Presidentes latino-americanos têm razão em suas queixas. Naquilo que toca à parte governamental das dívidas nós estamos sendo flexíveis, mas não temos como impor aos bancos quais taxas de juros poderão ser cobradas”, acrescentou.

“Se eu já não levo a sério declarações de políticos alemães, imagine de latino-americanos”, disse ontem um bem situado banqueiro alemão ao comentar a declaração dos quatro Presidentes latino-americanos.

Um outro banqueiro alemão, ao ler a declaração dos quatro países latino-americanos, não conseguia esconder sua decepção com os colegas nos Estados Unidos. É evidente que os Presidentes têm razão em agir dessa maneira. Onde está a pressão dos bancos norte-americanos sobre seu próprio Governo, para impedir que essa política continue? As

vezes eu também me pergunto que interesse os bancos americanos podem ter na continuação desse estado de coisas, pois no momento se comportam de maneira muito quieta. Há algo por detrás, disse.

França apóia

Entre funcionários próximos ao Ministro da Economia francês, Jacques Delors, a repercussão à nota dos latino-americanos foi favorável. No momento, o Ministro francês age como uma espécie de porta-voz dos europeus, e foi ele quem expressou em nome da CEE, na última reunião da OCDE, o desejo de que a política de juros seja rapidamente alterada.

Enquanto os jornais alemães ignoravam a declaração, a notícia deu ontem o principal título de primeira página do **Financial Times**, de Londres, que previu um rápido e forte aumento da possibilidade de conflito entre os países endividados e ocidentais sobre taxas de juros e comércio internacional.

O **Le Monde**, que foi ontem à tarde às bancas, publicou longo editorial de primeira página afirmando que o apelo dos Chefes de Estado latino-americanos razoáveis e moderados pode ser a última chance antes da formação de uma frente única negando o pagamento de dívidas.

Em Bonn, como primeira reação, funcionários do Governo disseram que uma comissão composta de funcionários do Ministério da Economia e da Fazenda estará em julho no Brasil para negociar a dívida de Governo a Governo já acertada no Clube de Paris (em novembro do ano passado). Não sei ainda como serão as propostas concretas, mas de nossa parte vamos ser os mais flexíveis possíveis para atender aos justos pedidos do Brasil, disse o funcionário.